

COISA DE MULHER NEGRA É...: NEPGS E NEABI DISCUTINDO A INVISIBILIDADE SOCIAL IMPOSTA

Autora (1): Milleny Cristina da Silva Dubiel¹; Co-autora (1): Olívia Pereira Tavares; Co-autor (2): Paulo Roberto Faber Tavares Junior.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Canoas

millenyds.dubiel@gmail.com

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul Campus Canoas vem incentivando os alunos através de projetos de pesquisa e extensão que viabilizam assuntos pouco recorrentes em sala de aula, oportunizando espaços de engajamento pelo saber em questões sociais e culturais. Sendo assim, o Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades – NEPGS e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI do Campus Canoas vem promovendo ações como palestras, debates, exibições de filmes e atividades que abordam as relações de gênero, sexualidades e étnico-raciais. Algumas destas ações são em conjunto, devido aos pontos de encontro entre suas questões, como, por exemplo, as mulheres negras. Este trabalho tem como proposta apresentar a história de dez mulheres negras empoderadas de grande importância para o engajamento dos feminismos negros na história em uma exposição imagética e ilustrativa na Semana da Consciência Negra do IFRS Campus Canoas. Com o objetivo de identificar os feminismos negros como causadores do surgimento de espaços na sociedade para as mulheres negras. Abrindo espaços de debate e visibilidade para os alunos e alunas poderem ampliar seus horizontes sobre as temáticas gênero e raça, que ainda sofrem muito preconceito devido, geralmente, aos estereótipos criados pela sociedade em relação aos assuntos. Buscamos problematizar a existência de mulheres negras empoderadas que subvertem a invisibilidade das mulheres negras na história. Elaboramos resumos e ilustrações para a exposição, que consiste em registrar a história da mulher e o porquê dela ser considerada empoderada. A problemática é relevante, pois a escola precisa de espaços para debates entre os alunos, e principalmente, as meninas negras poderem expor suas dúvidas e ideias, integrando a escola e os alunos cada vez mais em prol da equidade para uma sociedade sem divisões preconceituosas e injustas.

Palavras-chaves: Mulher Negra, Gênero, Raça.

Introdução

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Canoas é uma instituição federal de ensino médio, técnico e superior que vem construindo espaços de abertura para saberes e aprendizados além da sala de aula, a partir de projetos de ensino, pesquisa e extensão que se articulam e expandem os conteúdos trabalhados em aula. Na busca deste objetivo tem sido promovidas palestras, debates, exposições e atividades para a comunidade em geral, com auxílio e construção colaborativa de bolsistas e voluntários nestes projetos. Participo de dois projetos, um promovido pelo NEPGS - Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades e outro pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI do Campus Canoas, sendo respectivamente

¹ Bolsista de Extensão – Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) – Edital de seleção IFRS campus Canoas nº 010/2017 e 011/2018

bolsista e voluntária. Tais projetos estão em respaldo na Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012, que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Os projetos têm como intuito a promoção da reflexão e conscientização a cerca de temáticas relacionadas a questões de gênero, sexualidades, étnico-raciais e indígenas.

Para promover as reflexões de forma integrada de ambos os projetos – NEPGS e NEABI, este trabalho tem como proposta apresentar a história de dez mulheres negras consideradas empoderadas e de grande representatividade para os movimentos feministas negros, no decorrer da realidade sócia histórica, em uma exposição imagética chamada “Coisa de Mulher Negra é” na Semana da Consciência Negra do IFRS Campus Canoas. E promover debates com alunos do campus e de escolas visitantes, a partir exposição em evento organizado pelo NEABI. Os principais referenciais utilizados foram os conceitos de empoderamento feminino de Sardenberg(2006), empoderamento da mulher negra de Ribeiro(2015) e sobre os contextos dos feminismos negros de Felipe(2011).

Objetivo existência de mulheres negras empoderadas, que subvertam a invisibilidade imposta às mulheres negras na história e propor um espaço de debate e aprendizado para os alunos e alunas poderem ampliar seus horizontes sobre as temáticas de gênero e étnico raciais. Também visamos objetivos específicos tais são:

- * Identificar os *feminismos negros* como causadores do surgimento de espaços na sociedade para as mulheres negras.
- * Analisar o empoderamento feminino nas dez mulheres negras que se destacaram na sociedade.

A pertinência deste trabalho se justifica em perceber a importância do movimento feminista negro para a abertura de espaços para a mulher negra na sociedade. É importante compreender a luta pelo espaço da mulher negra através das áreas do conhecimento e ver que a existência dessas mulheres subvertentes a invisibilidade imposta, trazem a desconstrução de padrões de gênero e étnico-raciais ainda fixados na sociedade contemporânea. Com base no contexto histórico e de conceitos como gênero e empoderamento, apresento tais conceitos que vão balizar este trabalho.

Conceitos pautados para análise

Contextualizo o surgimento dos movimentos feministas, devido a luta pela visibilidade da ‘questão feminina’, pela conquista e ampliação dos seus direitos específicos, pelo fortalecimento da identidade da mulher, que nasceu um contradiscurso feminista e que se

constitui um campo feminista do conhecimento (RAGO, 1998). Mas essa visibilidade obtida pelas mulheres feministas levou em consideração apenas a “noção de uma mulher genérica que é branca e de classe média” (COLIINS , p.8, 1990). Deixando de lado a vivência de negras e trabalhadoras, entende-se por meio de Miguel e Biroli (2014) que as relações entre o feminismo e movimento negro sempre foram complexas, mas lutavam simultaneamente de forma sexista e racista. E que mesmo as mulheres alcançando espaços na sociedade pelas lideranças do movimento feminista, em geral as líderes costumavam ser brancas, sendo que, os líderes do movimento negro eram homens, como justificativa de que por ‘afirmar sua masculinidade’ seria um meio de proteger as mulheres negras.

Identificando essa invisibilidade imposta a mulher negra de forma história e política, compreendo como o conceito de gênero e de empoderamento da mulher negra contribuiu para espaços de modificação na sociedade e suas diversas áreas de conhecimento. Considero gênero a partir do conceito de Joan Scott(1995) e interpretado por Daniela Auad (2012):

[...]o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções[...]. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados. [...] a palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". (SCOTT, 1995, P.72)

“Gênero não é sinônimo de sexo (masculino e feminino). As relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construído em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos.” (AUAD, 2012, p. 21)

Pode-se perceber que atribuição de significados a mulher negra em relação ao gênero feminino é modificado diretamente pela cor da sua pele, acarretando em estereótipos pejorativos, como a sexualização da mulher negra, pré-conceito relacionado ao gênero e raça fixo na sociedade contemporânea até hoje. Para Meyer (2010, p.10) “gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar projetos que coloquem em xeque algumas das formas de organização social vigentes quanto as hierarquias e desigualdade delas decorrentes.”, sendo isto, a conceituação de gênero um dos principais meios de organização social, tornando mais nítido o uso do termo para elaboração de normas sociais desiguais movidas pelas relações de poderes políticos e econômicos de uma sociedade. Então, o conceito de empoderamento para a mulher negra é importante, pois ele vai ir continuar contribuindo à formação dos movimentos feministas negros e o surgimento de mulheres subvertentes a invisibilidade imposta da sociedade por essas relações de poderes.

Identificando inicialmente o conceito de empoderamento, de Sardenberg(2006), que refere-se ao empoderamento da mulher de forma universal:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio.[...] Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas” (SARDENBERG, 2006, p. 2).

Assim o empoderamento feminino para a mulher negra se tratando de algo coletivo e em prol de uma equidade, sendo, o substantivo feminino com origem no latim *aequitas*, que significa igualdade, simetria, retidão, imparcialidade, conformidade e que usa da imparcialidade para reconhecer o direito de cada um, usando a equivalência para se tornarem iguais. A equidade adapta a regra para um determinado caso específico, a fim de deixá-la mais justa. Podemos considerar o destaque das dez mulheres negras devido não só ao empoderamento de forma isolada ao subverterem a invisibilidade imposta às mulheres negras na sociedade, mas por também impulsionarem o empoderamento na forma coletiva como símbolos de representatividade e luta dos feminismos negros.

Logo se podem visualizar os movimentos feministas negros como grandes fortalecedores do surgimento de espaços na sociedade para as mulheres negras terem a oportunidade de se empoderar como um todo. Tendo como objetivo a visibilidade muito além dos movimentos feministas brancos, como explica Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli (2014):

As feministas negras, assim confrontam tanto o predomínio masculino no movimento negro quanto a predominância branca e burguesa no feminismo, apresentando novas pautas de compreensão e também um novo enquadramento teórico para a compreensão dos problemas da dominação. (MIGUEL e BIROLI, p.89, 2014)

Pois segundo Gonzalez apud Felipe (p.8, 2011) “pela experiência histórica comum, o feminismo negro possui uma diferença específica em relação ao feminismo ocidental: a marca da solidariedade”. Essa união de forças femininas negras em prol da equidade de direitos começou internacionalmente, mas com o aumento dos debates em relação ao feminismo negro em diversas vertentes das mídias, o assunto chegou ao Brasil. Ana Maria Felipe contextualiza o período da seguinte forma:

O feminismo negro no Brasil surgiu no início dos anos de 1970, conforme o relato de uma de suas importantes articuladoras: Lélia Gonzalez. O início dessa década também é o período em que o movimento negro no Rio de

Janeiro está se estruturando, inclusive em conexão com o movimento negro americano e os pensadores africanos. As mulheres negras estavam atuando na e para a formação do movimento negro com importante contribuição. (FELIPE, 2011, p.8)

Consideramos notável e importante à presença dos feminismos negros brasileiros, pois conseguimos perceber a importância do movimento feminista negro internacionalmente para a abertura de espaços para a mulher negra na sociedade, sendo assim, a sociedade brasileira como uma boa seguidora dos modelos padronizados e radicalistas norte-americanos e europeus, começa a disponibilizar maior visibilidade aos feminismos negros no país. E finalizando a contextualização de conceitos-chaves para nosso artigo, fazemos a reflexão de que os marcadores sociais, ou seja, as características da atribuição de significados enquanto indivíduo social vai muito além do gênero e da cor da pele, sendo ambos parte de uma trama utilizada para transcorrer as regras políticas, econômicas da sociedade brasileira.

Metodologia

A etapa inicial da pesquisa partiu de uma Netnografia, ferramenta metodológica ainda recente que, para Kozinets (2002) apud Rocha (2005) “é definida como um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia e, costuma-se dizer que a Netnografia tem conhecido um crescimento considerado devido à complexidade das experiências da sociedade digital”, logo, trata-se do método conhecido mais pelo termo etnografia virtual ou etnografia online. Esta ferramenta metodológica por ser novidade no mundo acadêmico alguns pesquisadores vem discursando e debatendo sobre tal método, dentre eles De Lopes (p. 2008) afirma que a nova abordagem “tem por objetivo apresentar a Netnografia como alternativa metodológica de pesquisa científica no campo da comunicação a partir da constatação de que muitos objetos de estudo localizam-se no ciberespaço.” Sendo isto, a identificação de que os objetos de pesquisa podem ser encontrados virtualmente hoje em dia. Consistindo em estratégias de procura realizada com mecanismos de busca, por meio dos quais, a partir do uso de palavras-chave, são encontradas as informações necessárias. Sendo que Rocha e Montardo (2005):

Netnografia como uma das ferramentas metodológicas capazes de proporcionar o acesso dos pesquisadores da área às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, e produtos. (ROCHA e MONTARDO, p.4, 2005).

Com base na metodologia citada, investigou-se por meio de uma coleta de dados disponíveis na internet, em portais e sites consideravelmente confiáveis, relacionada a

palavra-chave às “mulheres negras empoderadas”, e que foram registrados numa planilha. Foram listadas 30 mulheres e buscado informações como: nascimento, óbito, nacionalidade, principais feitos e obras, temporalidade, cidade natal, área de conhecimento e área de atuação. Após esta etapa, foi realizada uma seleção de 10 delas para representar esta subversão em uma exposição na semana da Consciência Negra. A curadoria, escolha do conteúdo a partir de diferenças, semelhanças e objetivos da proposta, baseou-se em critérios como: representatividade e diversidade de áreas de conhecimento e atuação, destaque histórico, temporalidade (históricas e atuais) e a representatividade entre nacionais, internacional e regional.

Fonte: Netnografia realizado pelo autor

EMPODERADA	RANKING	NASCIMENTO	MORTE	PAIS	ESTADO	CIDADE	LOCAL	TEMPO	ÁREA	OBSERVAÇÕES	OBRAS
Luciana Lealdina de Araujo	1	1870	1930	BR	RS	Porto Alegre	Regional	Passado	Pedagogia	Conhecida como "Mãe Preta" dedicou sua vida as crianças negras	Asilo São Benedito(1901)PE/ Orfanato
Deise Nunes Ferst	2	1968		BR	RS	Porto Alegre	Regional	Passado	Beleza	1ª mulher negra a ganhar o Miss Brasil	
Lélia Gonzalez	3	1935	1994	BR	BH	Minas Gerais	Nacional	Passado	Antropologia	Movimento Negro Unificado, Antropóloga	livro "Festas Populares no Brasil"
Virginia Bicudo	4	1910	2003	BR	SP	São Paulo	Nacional	Passado	Psicologia	Considerada a 1ª Psicanalista brasileira	Atitudes Raciais de pretos e mulatos e
Nina Simone (Eunice Kathleen Way	5	1933	2003	EUA	Carolina do	Tryon	Internacional	Passado	Música	Artista e Ativista pelos Direitos Civis	Singles
Viola Davis	6	1965		EUA	Carolina do	St.matthews	Internacional	Atualidade	Artes cênicas	1ª atriz negra a ganhar um oscar e emmy.	
Angela Yvonne Davis	7	1944		EUA	Alabama	Birmingham	Internacional	Atualidade	Política	Integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Part	
Ellen Johnson Sirleaf	8	1938		LB	Monróvia	Monróvia	Internacional	Atualidade	Política	1ª presidente mulher negra de um país africano	
Dandara Zumbi	9	1694		BR			Internacional	Passado	Política	Lutou pela libertação dos escravos no Brasil	
Harriet Tubman	10	1822	1913	EUA	Maryland	Cambridge/Cor	Internacional	Passado	Política	aboliconista e humanitária	
Nilma Lino Gomes		1961		BR	BH	Minas Gerais	Nacional	Atualidade	Pedagogia	1ª mulher negra a comandar um universidade publica federal	
Aparecida Sueli Carneiro Jacoel		1950		BR	SP	São Paulo	Nacional	Atualidade	Filosofia	Gelêdes	Racismo, Sexismo e Desigualdade no B
Carolina Maria de Jesus		1914	1977	BR	BH	Minas Gerais	Nacional	Passado	Literatura	Um das 1ª escritoras negras do Brasil	Quarto de Despejo
Maria Firmina dos Reis		1825	1917	BR	BH	São Luis	Nacional	Passado	Literatura	1ª romancista brasileira	Ursula, A Escrava
Maria José Motta de Oliveira		1944		BR	RJ	Campos dos G	Nacional	Passado	Teatro	1ª mulher a interpretar uma personagem com uma relação inte	Xica da Silva/novela, CIDAN
Aizita Nascimento		1939		BR	RJ	Rio de Janeiro	Nacional	Passado	Beleza	1ª miss negra no concurso no Brasil	
Ruth de Souza		1921		BR	RJ	Rio de Janeiro	Nacional	Passado	Teatro	1ª atriz negra no teatro brasileiro no RJ e da rede Globo	Sinha moça/novela
Luiza Helena de Bairros		1953	2016	BR	RS	Porto Alegre	Regional	Passado	Administração	ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igual	
Djamila Tais Ribeiro dos Santos		1980		BR	SP	São Paulo	Nacional	Atualidade	Filosofia	mestre em filosofia politica, feminista e academica, tornou-se e	
Rosa Parks (Rosa Louise McCauley)		1913	2005	EUA	Alabama	Tuskegee	Internacional	Passado	Literatura	costureira, escritora	We Rise: Speeches by Inspirational Bla
Oprah Winfrey		1954		EUA	Mississippi	Kosciusko	Internacional	Atualidade	Mídia	Uma das pessoas mais influentes do mundo midiatico negro	Talk Show, Emmys, What no for sure/
Tereza de Benguela		-	-	BR	MT	Mato Grosso	Nacional	Passado	Política	Líder quilombola	esafiou a Coroa e o sistema escravocr
Bell Hooks		1952		EUA			Internacioal	Atualidade	Literatura	Escritora, feminista e ativista, a pensadora mais influente da at	
Mercedes Baptista		1921	2014	BR	RJ	Rio de Janeiro	Nacional	Passado	Dança	1ª Primeira Bailarina negra do Teatro Municipal do RJ	
Rafaela Silva		1992		BR	RJ	Rio de Janeiro	Nacional	Atualidade	Esporte	judoca campeã olimpica e mundial brasileira	
Dorothy Vaughan		1910	2008	EUA	Missouri	Kansas	Internacional	Passado	Ensino(NASA)	1ª mulher chefe de departamento da NASA	
Maya Angelou (Marguerite Ann Jol		1928	2014	EUA	Missouri	Saint Louis	Internacional	Passado	Literatura	1ª roteirista negra de hollywood, poeta e historiadora	
Beyoncé Giselle Knowles-Carter		1981		EUA	Texas	Houston	Internacional	Atualidade	Música	Cantora e Símbolo feminista negro	
Wangari Muta Maathai		1940	2011	KE	Nyeri	Nyeri	Internacional	Passado	Ensino	Ativista politica, 1ª mulher africana a receber o nobel da paz	The Challenge for Africa

Legenda: Lista de algumas mulheres negras que subverteram a invisibilidade imposta

Resultados e Discussão

Resultando na análise da vida e dos feitos destas 10 mulheres negras que tiveram ou têm posturas subversivas à invisibilidade imposta, devido ao preconceito racial e de gênero. Elaboramos resumos e dez ilustrações para a, conforme exemplos das figuras 1, 2 e 3, que consistem em registrar a história da personalidade e o porquê dela ser considerado um modelo de subversão capaz de contrapor a invisibilidade. Na primeira seleção destacamos mulheres internacionais como: Harriet Tubman, Viola Davis, Angela Davis, Nina Simone, Ellen Sirleaf e brasileiras como: Virgínia Bicudo, Deise Nunes, Lélia Gonzalez, Luciana Leadina e

Dandara Zumbi. O debate e apresentação da exposição primeiramente teve dois momentos de questionamentos, o primeiro foi uma pergunta aos alunos se algum deles conhecia alguma mulher negra famosa e a outra pergunta se eles conheciam as mulheres retratadas na exposição² (figura 4).

Alguns alunos relataram que conheciam mulheres como Ludmila e Karol Conka, e afirmaram só conhecer a Viola Davis dentre as mulheres expostas. As perguntas e os relatos levaram ao debate sobre a maior visibilidade da mulher negra quando presentes no meio artístico e questão da invisibilidade das mulheres negras nas ciências exatas e sociais.

Fonte: Texto e legendas: Milleny Dubiel - Arte por: Júlia Pohlmann – Estudante do IFRS Campus Canoas



Exemplo das Ilustrações da Exposição das 10 Mulheres Negras Empoderadas

Fonte: Acervo do NEABI IFRS Canoas



Figura 4: Estreia da exposição “Coisa de Mulher Negra é” no IFRS Campus Canoas

² Estreia da exposição “Coisa de Mulher Negra é” no IFRS Campus Canoas no evento “Fórum Étnico Racial Afirmativo” na semana da Consciência Negra, apresentada para os alunos da escola Erna Wuth, localizada na região de Porto Alegre – RS. Foto do momento na descrição.

Nina Simone (1933 – 2003)

Foi uma pianista, cantora e compositora norte-americana. Além de uma das grandes vozes femininas do jazz, esteve comprometida com o ativismo pelos direitos civis dos negros do seu país. Em 1939, com seis anos começou a estudar piano. Com dez anos fez seu primeiro recital de piano na biblioteca da cidade. Antes da apresentação, seus pais foram retirados da primeira fila para dar lugar a pessoas brancas. Esse episódio marcou sua vida e daí nasceu seu comprometimento com a luta pelos direitos civis dos negros. Eunice Waymon é o nome de batismo. Nina Simone é o de guerra. Nina mudou de nome ao começar a cantar em cabarés escondida de seus pais. Saiu da Carolina do Norte para ser imortalizada no mundo cantando jazz, blues, folk, soul. Com sorriso e carisma maiores do que seu imenso coração, a diva negra é a voz da famosa canção *Feeling Good*.

Viola Davis (1965)

Viola Davis é a primeira mulher negra a receber um Oscar e a completar a tríplice coroa. Com a vitória por seu papel em *Um Limite Entre Nós*, de Denzel Washington, a atriz se tornou a 23ª atriz a completar a chamada Tríplice Coroa de Atuação (em inglês, Triple Crown of Acting), termo usado para descrever atores que foram premiados nos três diferentes veículos: cinema, teatro e TV, respectivamente com o Oscar, Tony e Emmy. Viola Davis nasceu nos estados unidos, teve uma infância de muita dificuldade e pobreza, mas as coisas começaram a melhorar quando, na escola, descobriu a paixão pelos palcos. Graduada na Juilliard School em 1993, Viola começou sua carreira atuando em peças de teatro e em papéis coadjuvantes no cinema.

Ellen Johnson Sirleaf (1938)

Conhecida como a “dama de ferro” africana, é a atual presidente da Libéria. Nascida em Monróvia, é a primeira presidente negra de um país do continente africano em 2005 e ser reeleita em 2011. A presidente é membro do Conselho de Mulheres Líderes Mundiais, uma rede internacional de atuais e ex-mulheres Presidentes e Primeiras-ministras, cuja missão é mobilizar o maior nível de mulheres dirigentes a nível mundial para a ação coletiva sobre questões de importância, como um desenvolvimento equitativo. Ela ganhou o 2011 o Nobel da Paz pelo seu trabalho com Primeira Ministra da Libéria.

Harriet Tubman (1822 – 1913)

Harriet Tubman foi uma americana abolicionista, humanitária, olheira armada e espiã do Exército dos Estados Unidos durante a Guerra Civil Americana. Quando a guerra civil começou, Tubman trabalhou para o Exército da União, pela primeira vez como cozinheira e uma enfermeira, e depois como olheira armada e espiã. Sendo a primeira mulher a liderar uma expedição armada na guerra, ela guiou o ataque em Combahee Ferry, que libertou mais de 700 escravos.

Angela Davis (1944)

Negra, mulher, ativista, marxista, feminista e, acima de tudo, lutadora, a educadora e professora americana Angela Davis lutou em defesa das mulheres negras que quiseram um mundo mais justo. A estado-unidense alcançou notoriedade mundial na década de 1970, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história dos Estados Unidos. Figura símbolo da causa negra na década de 1960 nos EUA, Angela voltou recentemente ao centro das atenções da mídia americana após seu contundente discurso na Marcha das Mulheres, em Washington, D.C., nos EUA.

Virgínia Leone Bicudo (1910 – 2003)

Paulistana, filha de uma imigrante italiana branca e de um brasileiro negro, neta de uma escrava alforriada, foi a primeira mulher a fazer análise na América Latina. Foi a primeira pessoa a escrever uma tese sobre relações raciais no Brasil, inaugurando, na academia, o debate sobre racismo. Foi também a primeira psicanalista não médica no País. Tantas credenciais desta psicanalista e socióloga e, no entanto, seu nome, seu protagonismo e sua história se tornaram invisíveis a muitos brasileiros.

Dandara Zumbi dos Palmares (**-1694)**

Dandara foi uma guerreira negra do período colonial do Brasil, esposa de Zumbi dos Palmares e com ele teve três filhos. Suicidou-se depois de presa, em 6 de fevereiro de 1694, para não retornar à condição de escrava. Foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII. Não há registros do local do seu nascimento, tampouco da sua ascendência africana. Relatos nos levam a crer que nasceu no Brasil e estabeleceu-se no Quilombo dos Palmares ainda menina. Não era muito apta só aos serviços domésticos da comunidade, plantava como todos, trabalhava na produção da farinha de mandioca, aprendeu a caçar, mas, também aprendeu a lutar capoeira, empunhar armas e

quando adulta liderar as falanges femininas do exército negro palmarino. A Dandara foi uma das provas reais da inverdade do conceito de que a mulher é um sexo frágil.

Lélia Gonzalez (1935 - 1994)

A mineira Lélia Gonzalez foi uma intelectual, política, professora e antropóloga e principalmente uma ativista incansável na luta pelos feminismos negros, militou também em diversas organizações, como o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, do qual foi uma das fundadoras. Em Salvador fez-se presente na fundação do Olodum. Sua importante atuação em defesa da mulher negra rendeu a Lélia à indicação para membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Em 2010, o governo da Bahia criou o Prêmio Lélia Gonzalez, para estimular políticas públicas voltadas para as mulheres nos municípios baianos.

Deise Nunes Ferst (1968)

Era modelo gaúcha, nasceu em Porto Alegre – RS. Conhecida como um símbolo do empoderamento do movimento feminista negro brasileiro por ter sido a 1º mulher negra a ganhar o concurso de beleza Miss Brasil em 1986. Antes de se tornar Miss Brasil, Deise Nunes já havia participado e vencido outros dez concursos de beleza regional. Tendo sido conseqüentemente a primeira negra brasileira a disputar o concurso internacional Miss Universo. O qual foi uma das semifinalistas, tendo se classificado em sexto lugar, além de ter sido a segunda colocada no quesito “traje típico”.

Luciana Lealdina de Araújo (1870-1930)

Viveu em Pelotas e Bagé/RS. Conhecida como "Mãe Preta" dedicou sua vida as crianças negras e inspirou poetas como Olavo Bilac em suas obras. Fundadora do “Asilo de Órfãs São Benedito” em Pelotas – RS, que atualmente completa 116 anos. Ela era negra, filha de mãe escrava e tinha uma grande determinação para ajudar os necessitados, principalmente as crianças abandonadas. Luciana nasceu em Porto Alegre, no dia 13 de junho de 1870 e ainda jovem veio com sua família para Pelotas. Aqui ela se deparou com a triste realidade de muitas meninas negras e órfãs desamparadas. Na cidade na época não havia nenhuma instituição que acolhesse essas meninas, e Luciana vendo isso, se compadeceu. Fundou a casa para acolher as meninas carentes que tanto lhe comovia e tais meninas foram acolhidas sem nenhuma distinção de cor.

Conclusões

O trabalho está conseguindo contemplar os em relação a perceber a importância do movimento feminista negro, propor um espaço de debate e aprendizado para os alunos e apresentar a história de dez mulheres negras empoderadas. Considero as dez personalidades negras empoderadas em relação aos conceitos de empoderamento isolado e para mulher negra de forma unificada, pois elas representaram ou representam a força da mulher negra na luta pelos direitos de poder trabalhar e exercer a profissão que quiserem sem a distinção do gênero ou pela cor. Vimos que a exposição proporcionou reflexão a questão da “maior” visibilidade a mulher negra em locais de destaque somente em áreas artísticas, levando a reflexão de alguns paradigmas que devem ainda ser quebrados para mais visibilidade em outras áreas para as mulheres negras. Logo, percebe-se a importância de espaços para debates entre os alunos dentro das escolas, e principalmente, as meninas negras poderem expor suas dúvidas e ideias, integrando a escola e os alunos cada vez mais em prol da equidade para uma sociedade sem divisões preconceituosas e injustas.

Referências

- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo. Editora Contexto, 2012.
- ASCOM. **Personalidades Negras – Dandara**. Fundação Cultural Palmares, 2014. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/33387>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- DE LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **A metodologia da pesquisa na rede**. São Paulo. Projeto para o programa ECA – USP, 2008.
- EVANS, Alistair Boddy. Biography: **Ellen Johnson-Sirleaf, Liberian’s ‘Iron Lady’**. ThoughtCo., 2017. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/biography-ellen-johnson-sirleaf-44253>>. Acesso em: 19 jun.2017.
- FELIPE, Ana Maria. **Feminismo negro: mulheres negras e poder - um enfoque contra-hegemônico sobre gênero**. Acervo, v. 22, n. 2 jul-dez, p. 15-28, 2011.
- Harriet Tubman**. In: Wikipédia: a enciclopédia livre, 2005. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Harriet_Tubman>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- LOPES, Guacira Louro; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. MEYER, Dagmar Estermannn. Gênero e educação: teoria e política. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010.
- MARTINS, Vitor. **Nina Simone: Uma cantora de Verdade**. Obvious, 2012. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2012/03/nina_simone_uma_cantora_da_verdade.html>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução. Feminismo e o movimento negro**. São Paulo, Editora Boitmeppo, 2014.
- MONT’ ALVÃO, Amanda Veloso. **Quem foi Virgínia Bicudo: Mulher, negra e pioneira na psicanálise, mas invisível no Brasil**. HuffPost Brasil, 2017. Disponível em:

<http://www.huffpostbrasil.com/2017/04/16/quem-foi-virginia-bicudo-mulher-negra-e-pioneira-na-psicanalis_a_22041991/>. Acesso em: 20 jul.2017.

RAGO, Margaret. Epistemologia feminista, gênero e história. O projeto de ciência feminista ou um modo feminista de pensar?. Editora Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **O Empoderamento Necessário**. Géledes, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. Revista Compós, 2005.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista**. 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. 1995.

TERTO, Amauri. **Viola Davis é a 1º mulher negra a ganhar Oscar, Emmy e Tony de atuação**. Geledés, Instituto da Mulher Negra. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/viola-davis-e-1a-mulher-negra-ganhar-oscar-emmy-e-tony-de-atuacao/>>. Acesso em: 19 jun. 2017.